



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

REGIVÂNIA RABELO BISPO

**ENSINO REMOTO NO PERÍODO PANDEMICO: O EDUCADOR COMO
MEDIADOR DO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO BASICA INCLUSIVA UM
ESTUDO DE REVISÃO**

ALTAMIRA/PA

2021

REGIVÂNIA RABELO BISPO

**ENSINO REMOTO NO PERÍODO PANDEMICO: O EDUCADOR COMO
MEDIADOR DO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO BASICA INCLUSIVA UM
ESTUDO DE REVISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, para obtenção do certificado de especialista em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

Tendo como orientadora a Prof^a. Dra. Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo

.

ALTAMIRA/PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

R114e Rabelo Bispo, Regivania.
ENSINO REMOTO NO PERÍODO PANDEMICO : O
educador como mediador da aprendizagem / Regivania
Rabelo Bispo. — 2021.
33 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Irlanda do Socorro Oliveira Miléo
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Altamira, , Altamira, 2021.

1. ensino. I. Título.

CDD 370.71

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
(CIP) Biblioteca DA (UFPA)

REGIVÂNIA RABELO BISPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, para obtenção do certificado de especialista em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

Tendo como orientadora a Prof^a. Dra. Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo

(Orientadora)

Professor (a)

Professor (a)

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, por conceder-me a oportunidade de ter mais essa experiência de vida.

À minha mãe **Ivania Rabelo Pereira** por toda dedicação e amor aos filhos. Te amo!

Aos meus filhos **Ariel Rikelme Rabelo Bispo** e **Adriel Renan Rabelo Bispo**, por serem dois seres iluminados por Deus e que estão sempre comigo.

À minha orientadora **Prof^a. Dr^a. Irlanda do Socorro de Oliveira Mileo.**, pelas orientações no trabalho e principalmente por ter acreditado e me apoiado nesse momento. Aos componentes da **banca examinadora**, pela disponibilidade em participar da avaliação deste trabalho.

À **todos** que contribuíram nesta trajetória, direta ou indiretamente. Obrigada!

“Ensinar não é transferir conhecimento,mas criar a
possibilidade para a sua produção ou a sua
construção.Quem esnsina aprende ao ensinar e quem
aprende ensina ao aprender”.

Paulo Freire

RESUMO

No decorrer do estudo será abordado dois momentos distintos, a primeira parte introdutória é referente a autobiografia e as implicações inerentes ao que me motivou a seguir na especialização em Práticas Pedagógicas em linguagem, alfabetização e letramento e a segunda parte compreende uma explanação sobre o desafio do educador durante o período pandêmico da Covid-19. A proposta de uma abordagem direta sobre o que motivou o profissional a se capacitar, propicia conhecer um pouco da sua história e de seus desafios para está lecionando ainda hoje, sabendo dos inúmeros desafios potencializados pelo novo coronavírus. Considerando isto, a busca por esclarecer um pouco mais sobre os conhecimentos da Alfabetização e do Letramento nas escolas (principalmente públicas) e fora delas também, assim como sobre as teorias de que podemos nos apropriar, para melhor entender sobre esse tema. O processo de alfabetização ainda que muito trabalhado, continua sendo um grande desafio dentro da matriz escolar brasileira. Compreendendo isto, este trabalho surgiu das aulas de Estudos em Didática e Fonologia Aplicadas à Alfabetização, onde observamos que existe uma relação estreita entre a forma como aprendemos e aquela como ensinamos, ainda que nem sempre tenhamos consciência disso. Mediante a isso, este estudo tem por **objetivo** explicar a respeito da importância do processo de alfabetização e letramento no contexto da educação básica, além de descrever os principais desafios encontrados pelos educadores durante o período pandêmico de 2020 e 2021. **Metodologia** trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, descritivo argumentativo. Para a análise descritiva utilizou-se os bancos de dados científicos como: Scielo, Google Acadêmico, Science Direct para buscar artigos e livros que abordassem a construção do conhecimento durante o processo de alfabetização. Em relação aos descritores escolhidos para a pesquisa utilizou-se: Alfabetização e letramento infantil, educação básica, educação na pandemia da covid-19, profissionais da educação na pandemia. **Desenvolvimento** a alfabetização e letramento são processos diferentes, como explicita Emília Ferreiro, cada um com suas especificidades, no entanto, ambos são indispensáveis quando se leva em consideração a aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, foi possível verificar que interferem no processo da alfabetização e do letramento as condições sociais e econômicas dos alunos. Considerando esses dados, é fato que a desigualdade social influencia diretamente no acesso a educação de qualidade, com o advento da pandemia do novo coronavírus em março de 2020 houve a necessidade de implementação de medidas biossegurança como uso de equipamentos de proteção individual (EPI), distanciamento social e lockdown para conter a disseminação da doença. a vulnerabilidade socioeconômica apresentada pelos estudantes sinalizou como um dos principais desafios na implementação do ensino emergencial remoto, considerando que a falta de auxílio estudantil ou bolsa de auxílio social, afeta diretamente o meio pelo qual estes têm acesso à internet. Além disso, com a pandemia ficou ainda mais evidente o tamanho da desigualdade no Brasil, tanto na distribuição dos recursos econômicos como no acesso a educação. **Considerações finais** Em relação ao contexto atual, é um momento de reconstrução, a educação durante esses dois anos teve perdas, e mergulhou em um dos principais desafios que é a evasão escolar e o abandono das salas de aula, bem como a baixa procura por inserir a criança na escola ainda na educação infantil em decorrência dos inúmeros fatores inerentes a consequências da covid-19. Mas é fundamental que tenhamos animo para seguir em frente e aos educadores que continuem sendo fiéis aos seus valores e vocação, por que a educação básica, o processo de letramento e alfabetização é a engrenagem inicial para o conhecimento e desenvolvimento de um país. Ademais a medida em que tentamos

melhorar nossas práticas de ensino, estamos sendo agente de nossas próprias ações pedagógicas, saindo de certa forma da comodidade de práticas tradicionais, baseadas em cartilhas ou ainda presas a normas curriculares obsoletas e ultrapassadas. Sei como é desafiador e complicado, principalmente em escolas públicas. Mas repensar sobre essas ações já é grande passo para pequenas mudanças futuras.

Palavras-Chaves: Alfabetização; Educação básica; Letramento; Professor; Educação na pandemia.

ABSTRAT

During the study, two distinct moments will be addressed, the first introductory part refers to the autobiography and the implications inherent to what motivated me to follow the specialization in Pedagogical Practices in language, literacy and literacy and the second part includes an explanation about the challenge of the educator during the pandemic period of Covid-19. The proposal of a direct approach on what motivated the professional to get trained, provided the opportunity to know a little of his history and his challenges to be teaching even today, knowing the numerous challenges made possible by the new coronavirus. Considering this, the search for clarifying a little more about the knowledge of Literacy and Literacy in schools (mainly public ones) and outside them as well, as well as about the theories that we can use to better understand this theme. The literacy process, although a lot of work has been done, continues to be a great challenge in the Brazilian school system. Understanding this, this work arose from the classes of Didactics and Phonology Applied to Literacy, where we observed that there is a close relationship between the way we learn and the way we teach, even though we are not always aware of it. Therefore, this study aims to explain the importance of the literacy and literacy process in the context of basic education, as well as to describe the main challenges faced by educators during the pandemic period of 2020 and 2021. Methodology This is a literature review study, descriptive and argumentative. For the descriptive analysis we used scientific databases such as Scielo, Google Academic, and Science Direct to search for articles and books that addressed the construction of knowledge during the literacy process. The descriptors chosen for the research were Childhood literacy and literacy, basic education, education in the covid-19 pandemic, education professionals in the pandemic. Development literacy and literacy are different processes, as explained by Emília Ferreiro, each one with its specificities, however, both are indispensable when taking into account the learning of reading and writing. Furthermore, it was possible to verify that the students' social and economic conditions interfere in the literacy and literacy process. Considering this data, it is a fact that social inequality directly influences the access to quality education. With the advent of the new coronavirus pandemic in March 2020, there was the need for the implementation of biosecurity measures such as the use of personal protective equipment (PPE), social distancing, and lockdown to contain the spread of the disease. In addition, the pandemic has made the size of inequality in Brazil even more evident, both in the distribution of economic resources and in the access to education. Final considerations In relation to the current context, it is a time of reconstruction. But it is fundamental that we are encouraged to move forward, and that educators continue to be faithful to their values and vocation, because basic education, the literacy process, is the initial gear for the knowledge and development of a country. Furthermore, as we try to

improve our teaching practices, we are being agents of our own pedagogical actions, leaving behind the comfort of traditional practices, based on textbooks or still stuck to obsolete and outdated curricular norms. I know how challenging and complicated it is, especially in public schools. But rethinking about these actions is already a big step towards small future changes.

Key words: Literacy; Basic Education; Literacy; Teacher; Education in the pandemic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	15
3. DESENVOLVIMENTO	15
3.1 ALFABETIZAÇÃO COMO PROPULSORA DO ENSINO APRENDIZAGEM. ..	15
3.2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO MUNDO LETRADO	16
4. EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO E O ENSINO REMOTO.....	20
5. MUDANÇA NO TRABALHO DO PROFESSOR- ENTRE A DOCÊNCIA E A TUTORIA.....	24
6. CAMINHANDO PARA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS.....	26
7. CONCLUSÃO	28
8. REFERÊNCIAS	30
9. ANEXO.....	29

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do estudo será abordado dois momentos distintos, a primeira parte introdutória é referente a autobiografia e as implicações inerentes ao que me motivou a seguir na especialização em Práticas Pedagógicas em linguagem, alfabetização e letramento e a segunda parte compreende uma explanação sobre o desafio do educador durante o período pandêmico da Covid-19. A proposta de uma abordagem direta sobre o que motivou o profissional a se capacitar, propicia conhecer um pouco da sua história e de seus desafios para está lecionando ainda hoje, sabendo dos inúmeros desafios potencializados pelo novo coronavírus.

Considerando isto, a busca por esclarecer um pouco mais sobre os conhecimentos da Alfabetização e do Letramento nas escolas (principalmente públicas) e fora delas também, assim como sobre as teorias de que podemos nos apropriar, para melhor entender sobre esse tema. O processo de alfabetização ainda que muito trabalhado, continua sendo um grande desafio dentro da matriz escolar brasileira. Compreendendo isto, este trabalho surgiu das aulas de Estudos em Didática e Fonologia Aplicadas à Alfabetização, onde observamos que existe uma relação estreita entre a forma como aprendemos e aquela como ensinamos, ainda que nem sempre tenhamos consciência disso.

A priori, falar de letramento nos faz refletir sobre esse conceito: “Os estudos do letramento têm como objeto de conhecimento os aspectos e os impactos sociais do uso da língua escrita” (KLEIMAN, 1995). Uma vez caracterizado dentro das escolas esse conceito foi se modificando até se formar e se tornar como parte fundamental dos estudos da língua escrita em usos estritamente escolar.

Deste modo é válido salientar sobre os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, para quem existe uma relação estreita entre a forma como aprendemos e aquela como ensinamos, ainda que nem sempre tenhamos consciência disso. A obra publicada no Brasil, em 1986, “a Psicogênese da língua escrita”, traz muitos elementos interessantes para se repensar a aprendizagem da escrita, e posso aqui demonstrar que minha história de vida se encaixa um pouco, nos parâmetros dessa teoria, especialmente no que diz respeito às interações fora dos métodos e das técnicas de leitura e escrita dentro e fora das escolas. Temos como marco histórico que devemos levar em consideração no início desse diálogo essa importante contribuição de Emília Ferreiro, nos estudos sobre alfabetização na construção desse repertório linguístico até a aquisição da leitura e escrita.

Meu nome é Regivania Rabelo Bispo, tentarei trazer lembranças de minha alfabetização (embora não sejam muitas); minha mãe, a senhora Ivania Rabelo, foi a primeira pessoa que me proporcionou o contato com a alfabetização, embora o meu pai fosse professor de multissérie, ele não tinha tempo para mim ensinar, pois o trabalho era muito cansativo. Como nós morávamos na zona rural e nesse período, aproximadamente 1994, só poderia ir para a escola com 7 anos de idade, matriculada no primeiro ano, eu não frequentei a creche ou pré-escola, ingressei diretamente no primeiro ano do ensino fundamental.

Por esse motivo, estudava em casa. Minha mãe, apesar de ter apenas a 4^o série do ensino fundamental, sempre foi muito preocupada e empenhada com a minha alfabetização, comprava livros de historinhas, lia para mim, comprava várias cartilhas também, e vários outros livros em que tivesse leituras, pedia sempre ao meu pai: “traga livros que tenha cópias para eu ensinar a Regivania”.

Então a minha rotina dos três anos de idade em diante era exatamente assim (partes em que lembro e que também minha mãe me ajudou a lembrar), me refiro à minha inserção na alfabetização como “rotina”. Minha mãe sempre foi muito organizada, e eu tinha horários estabelecidos para brincar e também para estudar como se fosse realmente uma estudante; não era assim, “lemos hoje, agora daqui uma semana”, era uma rotina totalmente organizada de segunda a sexta como um aluno de escola regular, e os finais de semana eram livres para brincar e ir à igreja.

Esse foi o primeiro aprendizado que tive na vida, rotina, organização; coloco aqui porque faz parte do aprendizado do processo de alfabetização. Atualmente é muito comum vermos em salas de aula painéis com o nome “rotina da sala de aula” ou “regra da sala de aula”, no qual contém horários e regras as quais devem ser seguidas diariamente em sala de aula, então esse aprendizado já levei comigo quando comecei a frequentar a escola, porque sempre tive essa rotina estabelecida.

Minha rotina era da seguinte forma: pela manhã ao acordar, tomar café e brincar de boneca (eu tinha várias), ou do que a imaginação criasse; ao meio dia, após o almoço (aí vinha o tormento para mim), tinha que dormir até aproximadamente às 14h, juntamente com minha mãe, porém ao levantarmos, íamos direto para cozinha, onde ela ia lavar a louça do almoço no “jirau”, uma espécie de pia que as pessoas fazem do lado externo da casa, ou então acoplado à janela da cozinha para o lado externo, no qual a gente fica pelo lado interno lavando a louça, enquanto isso, minha mãe me colocava sentada em cima da mesa, que ficava pertinho do jirau e começava a me ensinar - no

método tradicional, sintético, partindo das partes para o todo.

Lembro-me que eu chorava muito, parte do processo, porém entre lições e cartilhas minha mãe me ensinou uma liçãozinha em que nunca esqueci, dizia assim: “a aranha arranha o jarro, o jarro arranha a aranha”, essa lição não saiu da minha cabeça até hoje (chorei muito lendo essa lição).

Aproximadamente aos 6 anos de idade, eu já não queria mais brincar com bonecas, comecei a sonhar muito pequena, e meu maior sonho era ser advogada, comecei a perturbar minha mãe que gostaria de ter uma mesa igual de advogado (só não me pergunte de onde tirei essas ideias, não sei responder); na mesa eu queria um telefone e um monte de livro, igual mesa de advogado, portanto, depois de muita insistência consegui a minha tão sonhada mesa, que eu colocava ao fundo da cozinha na parte exterior da casa; acima da mesa tinha um pedaço de pau pequeno e retangular, que era o meu telefone e os livros que eram da “advogada” que era “eu”. Assim minhas manhãs se tornaram mais alegres do que antes na companhia das bonecas, sentava no banquinho, folheava as cartilhas, ficava imaginando leituras, criando histórias para as imagens em que via nos livros ali em minha mesa de advogada.

E fazia rotina como em um escritório, atendendo o telefone, pois o mesmo era muito movimentado, tinha bastante clientes (estou aqui escrevendo e me emocionando com esse relato, a cada hora que escrevo lembro de algo, choro e percebo que esse sonho de ser advogada ainda mora em mim). Relato aqui esses fatos de imaginação, pois acredito que a medida em que eu, como criança imaginava, criava histórias para as imagens, era também um processo de minha alfabetização. Com todo esse percurso de minha infância aprendi a ler rapidamente, pois vivia em um ambiente que favorecia a leitura e a imaginação. Aos 7 anos de idade, no ano de 1998, quando comecei a ir para a escola já lia textos e historinhas com palavras complexas.

Ao ingressar na escola no 1º ano, como já sabia ler e o professor era o meu pai, e a turma era multissérie e grande, creio que por esses motivos eu não era muito assistida em sala de aula, porém, apesar de tudo isso, acompanhava a risca os deveres sendo sempre uma das alunas mais desenvolvidas da classe, esse é um breve relato de lembranças que tenho de minha alfabetização. Mediante a isso, este estudo tem por objetivo explicar a respeito da importância do processo de alfabetização e letramento no contexto da educação básica, além de descrever os principais desafios encontrados pelos educadores durante o período pandêmico de 2020 e 2021.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, descritivo argumentativo. Para a análise descritiva utilizou-se os bancos de dados científicos como: Scielo, Google Acadêmico, Science Direct para buscar artigos e livros que abordassem a construção do conhecimento durante o processo de alfabetização. Em relação aos descritores escolhidos para a pesquisa utilizou-se: Alfabetização e letramento infantil, educação básica, educação na pandemia da covid-19, profissionais da educação na pandemia. Após a pesquisa virtual, optou-se pelas escolhas dos artigos que melhor se adequavam ao tema, sendo possível verificar no decorrer do texto autores contemporâneos e leituras clássicas. Por isso foi possível trazer conceitos importantes para a construção de teorias construídas e metodologias que propiciam o desenvolvimento da criança durante o processo de alfabetização e ensino-aprendizagem.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 ALFABETIZAÇÃO COMO PROPULSORA DO ENSINO APRENDIZAGEM.

Nesse contexto, de acordo com Ferreiro e Teberosky, os quais propõem níveis de evolução que passam as crianças no seu processo de aprendizagem do código escrito, tomando como suporte a teoria Psicogenética de Jean Piaget. A partir dessa teoria a alfabetização passa a ser entendida não como um simples método para ser seguido, onde os estudantes decorem e se assimilem o alfabeto, mas como um processo complexo e multifacetado (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985).

Essas teorias podem esclarecer alguns questionamentos sobre como os alunos se apropriam da cultura escrita e fornecem um instrumento ao professor para medir os conhecimentos linguísticos das crianças, entendendo que a partir da escrita espontânea a criança se apropria e internaliza o seu conhecimento. Podemos ainda citar estudos sobre letramento e a alfabetização nas pesquisas de Angela B. Kleiman (2007) Letramento e suas implicações para língua materna; Cláudia Martins Moreira (2009), que trata da descrição dos estágios da aprendizagem da escritura pelas crianças, entre outros trabalhos que se referem ao letramento e à alfabetização.

Considero a escola o principal local de letramento, o local por excelência, da sociedade, onde devemos criar espaços em que possamos experimentar maneiras de participação nas práticas sociais letradas e, desse modo, assumir o letramento, ou

melhor, as muitas formas de letramentos na vida social, como o primeiro objetivo estrutural do trabalho escolar.

3.2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NO MUNDO LETRADO .

Muito se fala sobre a melhor hipótese de leitura e escrita no que tange ao ensino da língua materna na escola. Podemos citar alguns exemplos onde podemos discutir sobre esse assunto, buscaremos neste artigo identificar teorias sobre a construção de conhecimento em alfabetização e letramento, assunto bastante discutido e com infinitos problemas dentro e fora das escolas.

Na alfabetização dentro da escola temos várias oposições teóricas e metodológicas, fazendo com que as escolas e os profissionais tenham uma enorme dificuldade. De acordo com Almeida e Farago (2014 p. 206, 207)

Os professores, antes de estudarem a Psicogênese da Língua Escrita, ensinavam para as crianças as letras começando pelas vogais e as sílabas, respeitando a ordem alfabética, elaboravam exercícios de coordenação motora, atividades de cópia para que as crianças repetissem o nome próprio e mesmo as letras e as sílabas isoladamente, centradas no ensino de forma fragmentada e descontextualizada. Tratava-se de uma visão de aprendizagem que era considerada cumulativa, baseada na cópia, na repetição, no reforço e na memorização das correspondências fonográficas. Desconhecia-se a importância da criança desenvolver a sua compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética e de saber usá-la desde o início em situações reais de comunicação.

Em consonância com essa afirmação, Magda Soares (2004) nos diz que a alfabetização é “[...] a ação de ensinar e aprender a ler e a escrever”, ao tempo que letramento “[...] é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Na constante necessidade de encontrar a melhor maneira de fazer as crianças terem o desenvolvimento, busco primeiramente nos trabalhos de Ferreiro e Teberosky o início dessas discussões sobre esse assunto. De acordo com as autoras, a primeira hipótese é onde a criança entende a escrita como uma forma direta de ver mundo, ou seja, os elementos formadores do sistema devem ser semelhantes ao que representam. Logo, o significante e o significado se reconhecem, ou seja, elas entendem a escrita como uma soma de desenhos que trazem representatividade dos objetos. Essa hipótese é ainda bastante primária e não demora para ser descartada pela criança, mas esse processo é necessário e passará de acordo com o progresso da linguagem.

Na segunda hipótese, a criança já sabe que a escrita é formada por símbolos e que esses símbolos não representam a realidade. Significante e significado começam a

se diferenciar. É a percepção do caráter arbitrário e convencional do sistema de escrita. Entretanto, a criança ainda não sabe qual símbolo usar para representar o que ela quer. Assim, Ferreiro e Teberosky (1985)

[...] desenvolvem aspectos propriamente linguísticos da Psicogênese da língua escrita, quando descrevem o aprendiz formulando hipóteses a respeito do código, percorrendo um caminho que pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético. Essa construção, demonstra a pesquisa, segue uma linha regular, organizada em três grandes períodos: 1º) o da distinção entre o modo de representação icônica (imagens) ou não icônica (letras, números, sinais); 2º) o da construção de formas de diferenciação, controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo (variedade de grafias) e o eixo quantitativo (quantidade de grafias). Esses dois períodos configuram a fase pré-linguística ou pré-silábica; 3º) o da fonetização da escrita, quando aparecem suas atribuições de sonorização, iniciado pelo período silábico e terminando no alfabético. (MENDOÇA e MENDONÇA, 2003. p.38)

Assim sendo, a Psicogênese da língua escrita descreve como o iniciante aprendiz passa a se apropriar dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, demonstrando que a aquisição dos atos linguísticos segue um percurso igual ao que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético, ignora-se que a palavra escrita representa a palavra falada, e desconhece como essa representação se processa. Assim, as crianças passam pelas fases pré-silábica e silábica, conseguindo então a alfabética. Nesse nível, o aprendiz analisa dentro da palavra suas vogais e consoantes. Acredita que as palavras escritas devem se fazer representar nas palavras que são faladas, tendo as letras e sons como correspondência um da outra. Considera-se então alfabetizados, todavia terão sérios conflitos, ao se comparar a escrita alfabética e natural (espontânea) com a escrita ortográfica, em que algumas vezes podemos falar de um jeito e escrever de outro. (MENDONÇA; MENDONÇA, 2003).

Pelo que percebi até o momento, a didática silábica precisa de correção, somente quando trabalhada isoladamente ou quando vem antes da etapa anterior, a pré-silábica, e se transforma em atividade mecânica, ao separar-se do significado e do contexto. A interpretação das avaliações revela que essa segmentação silábica tem se constituído quase como insubstituível para que o aluno consiga descobrir que a palavra escrita representa a palavra falada. Segundo Ferreiro:

Fundamentalmente a aprendizagem é considerada, pela visão tradicional, como técnica. A criança aprende a técnica da cópia, do decifrado. Aprende a sonorizar um texto e a copiar formas. A minha contribuição foi encontrar uma explicação, segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. Essa criança não pode se reduzir a um par de olhos, de ouvidos e a uma mão que pega o lápis. Ela pensa também a propósito da língua escrita e os componentes conceituais desta aprendizagem precisam ser compreendidos.

(FERREIRO, 1985, p. 14).

Moreira (2009) corrobora sobre visão da psicogenética, mas reconhece a contribuição dos lingusitas, como mirian Lemle:

São os teóricos da linguagem que investem nesse aspecto. Um dos primeiros trabalhos que contribui para entender essa questão é o Guia teórico do alfabetizador (LEMLE, 1993). Nessa obra, a autora mostra que a criança começa acreditando numa relação biunívoca entre letra e som (uma letra para cada som e vice-versa); depois, passa a perceber as relações mais complexas (uma letra representando diferentes sons ou um som sendo representado por letras diferentes). Por fim, ela percebe os casos arbitrários e se dá conta de que muitos aspectos da escrita precisam ser memorizados (como, por exemplo, quando se propõe escrever a palavra “caixa” e se questiona: é com “x” ou com “ch”?). Nesse momento, diz-se que a criança entrou no nível Ortográfico, que perdurará por toda a vida. (MOREIRA, 2009 p. 363)

Depreende-se, então, que as pedagogias sobre alfabetização que foram instituídas no Brasil, nos anos 80 e 90, a partir das pesquisas de Ferreiro, consideram muitas formas do modo de alfabetizar em nosso país. Continuando a abordagem sobre letramento no processo de alfabetização, Moreira (2009) faz algumas contribuições acerca desse ponto. Estudiosos consideram esse termo no desenvolvimento da escrita como objeto socialmente construído, o que reflete na conduta do indivíduo que o adquire. Em consonância, procura-se estudar a fundo a interferência social relacionada à aprendizagem da escrita. Encontramos trabalhos na área, como o de Mayrink-Sabinson (1998), Rojo (1998), Terzi (1995a) que estão de acordo com a aprendizagem da escrita infantil como também para a adulta. O que ocorre em comum entre os estudos é a constatação de que quanto mais diferenciadas forem as experiências da criança com textos escritos, maiores serão as possibilidades de que ela tenha sucesso na escola.

Reafirmando a importância das práticas sociais da leitura e escrita, Kleiman, (2007, p. 4) corrobora:

[...] A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Em instituições como a escola, em que predomina a concepção da leitura e da escrita como conjunto de competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (KLEIMAN, 2007 p. 4).

Observando a perspectiva social da escrita em uma situação de comunicação normal de uso, uma atividade de letramento não é diferente de outras situações da vida social da criança. Pois envolve o caráter coletivo, com várias possibilidades de

participantes com o mesmo nível ou até mais ou menos saberes, no qual deve haver cooperação de ambas as partes para evoluir o processo comunicativo, seguindo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns.

Acredito que o grande problema de assumir as práticas sociais como ponto de partida da alfabetização é a organização do planejamento de aulas diferentes das chamadas tradicionais, centradas no currículo da disciplina (KLEIMAN, 2007 p. 5): o conteúdo é alvo, ele representa os comportamentos, procedimentos, conceitos que se visa desenvolver no aluno. Não deve ser entendido, parece-me, como princípio organizador das atividades curriculares.

Devemos, então, buscar nesse ciclo de aprendizagem o conjunto de saberes e conhecimentos que foram concebidos em práticas sociais, no letramento, a partir de medição, cálculos de volume, elaboração de maquetes, mapas, plantas e outros necessários para a participação em práticas discursivas de leitura e produção de textos nos diversos gêneros.

Todavia, sempre haverá momentos em que o professor poderá se ater a esses conteúdos para a construção do texto escrito, que por sua vez, respeita regras e procedimentos de acordo com o gênero trabalhado. Nesse caso a atividade partirá da prática social para o conteúdo para que o envolvido passe pelo processo de letramento. Por outro lado, quando o conteúdo não está no currículo e optamos por utilizá-lo, devemos observar a comunidade onde esse aluno mora e quais as principais necessidades comunicativas do indivíduo.

No entanto, quando se trata do ensino da leitura e da produção de textos dentro da prática social, a facilidade e a dificuldade de aprendizagem não dependem apenas da relação morfológica, fonética ou ortográfica, mas do grau de proximidade do aluno com os textos e os gêneros que serão utilizados na comunicação dessa prática.

Embora a escola organize suas atividades em torno de temas relevantes, é interessante pensar nos projetos como projetos de letramento: planos de atividades visando ao letramento do aluno. Assim, um projeto de letramento se constitui como “um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade (KLEIMAN, 2000, p. 238).

Enfatizo a grande contribuição de projetos que estejam ligados ao letramento e à alfabetização, que envolvam a escrita no meio social, onde essas crianças vivem, pode ser em parques, feiras, shopping, etc., independentemente do lugar em que sejam propagadas essas ideias. Onde o professor deverá observar, analisar e, por fim,

diagnosticar a melhor maneira de realizar suas atividades de letramento de acordo com a situação comunicativa.

Quando o professor opta, ainda, por trabalhar com projetos, ele passa a decidir questões relativas à seleção dos saberes e práticas que se situam entre aqueles que são locais, funcionais para a vida na comunidade imediata dos alunos e os que são socialmente relevantes para a participação na vida social de outras comunidades e que, um dia, poderão ser utilizadas para a mudança e a melhoria do futuro do próprio aluno e seu grupo. (KLEIMAN, 2007. p.17)

Essa mudança de característica de atuação dentro da escola só será possível dentro do parâmetro de formação dos professores. Ou melhor, a partir de uma mudança político-ideológica a respeito da ideia de que o uso da escrita se molda dentro de formalismos nas relações de poder na sociedade, causando, então, desigualdade e exclusão para os que não a detêm. Porém, o curso de formação é uma boa saída para esse impasse metodológico.

No que se refere a alfabetização e letramento são processos diferentes, como explicita Emília Ferreiro, cada um com suas especificidades, no entanto, ambos são indispensáveis quando se leva em consideração a aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, foi possível verificar que interferem no processo da alfabetização e do letramento as condições sociais e econômicas dos alunos. Esse fator se mostrou primordial para o entendimento do assunto abordado.

4. EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO E O ENSINO REMOTO

O direito a educação é respaldado pela constituição federal de 1988, e uma necessidade básica, por isso o seu acesso gratuito é fundamental para o desenvolvimento da população e o combate ao analfabetismo. De acordo com o último censo realizado antes da pandemia da Covid-19, o Brasil tinha quase 48,5 milhões de estudantes inseridos e distribuídos na educação básica, ou seja, desde a pré escola ao ensino médio. Apesar de ser um número universal é importante elucidar que existem fatores preponderantes que influenciam no acesso e na evasão escolar como renda per capita e local de residência, uma vez que a cada 10 jovens com idade escolar apenas 7 estão matriculados (BARROSO, 2019).

Considerando esses dados, é fato que a desigualdade social influencia diretamente no acesso a educação de qualidade, com o advento da pandemia do novo coronavírus em março de 2020 houve a necessidade de implementação de medidas

biossegurança como uso de equipamentos de proteção individual (EPI), distanciamento social e lockdown para conter a disseminação da doença. A adoção do distanciamento social foi uma das primeiras medidas tomadas, entretanto mesmo sendo eficiente era necessário aplicar medidas mais incisivas como o fechamento de estabelecimentos que permitiam a aglomeração como escolas, casas de show, cinemas, shoppings, estádios de futebol e praias (SENHORAS, 2021).

Nesse contexto, no que tange as escolas houve o fechamento das instituições tanto da rede pública como da rede particular, assim como a suspensão das aulas presenciais e do calendário letivo no primeiro momento, até que foi ajustada a modalidade remota de ensino (CABRAL; RUAS, 2021). De acordo com a medida provisória 934 de 01 de abril de 2020 que estabeleceu normas excepcionais de cumprimento do calendário letivo tanto da educação básica como no ensino superior, o que ficou explícito no seguinte parágrafo:

“Art. 1º O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar [...], desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos.”

Esse período foi terrível para a comunidade estudantil que se encontrava na expectativa do vestibular ao final de 2020, além de influenciar na dinâmica de aprendizagem de crianças que estavam no processo de alfabetização.

Obedecendo as medidas de biossegurança o município de Rurópolis suspendeu as aulas presenciais da rede pública de ensino e implementou o ensino remoto a distância, por meio do decreto municipal nº 258 de 27 de agosto de 2020, este decreto não apenas suspendeu as aulas presenciais como dispôs medidas de enfrentamento contra a covid-19 a ser obedecido por todo estabelecimento público e privado do município (DECRETO MUNICIPAL, 2020).

Outro fator preponderante é inerente ao isolamento de crianças e adolescentes no ambiente familiar propiciou o acometimento problemas psico-comportamentais associados ao estresse, angústia, distúrbios no sono, dificuldade de concentração, depressão e desmotivação ocasionada pelo ócio (SALVADOR et al., 2020).

Mediante ao que explanado anteriormente, além dos desafios associados a covid-19 diretamente, as doenças mentais foram surgindo e debilitando tanto estudantes

como professores, isto por que em meio as incertezas caudadas pela pandemia este público ficou submetido a uma pressão sobre o futuro e o processo de adaptação as mudanças na rotina o forçaram a lidar com seus medos em situações como: abertura de câmeras no momento de aula, presença permanente em todas as aulas síncronas, limitação do uso de plataformas, sobrecarga na demanda de trabalho uma vez que muitos professores tiveram cuidar dos afazeres domésticos, elaborar aulas e as atividades que eram realizadas.

Para Silva, Souza e Menezes (2020) a vulnerabilidade socioeconômica apresentada pelos estudantes sinalizou como um dos principais desafios na implementação do ensino emergencial remoto, considerando que a falta de auxílio estudantil ou bolsa de auxílio social, afeta diretamente o meio pelo qual estes têm acesso à internet. Além disso, com a pandemia ficou ainda mais evidente o tamanho da desigualdade no Brasil, tanto na distribuição dos recursos econômicos como no acesso a educação.

Isto é notório principalmente na dificuldade de adaptação ao uso das tecnologias de comunicação que foram utilizadas como recurso pedagógico na implementação das aulas remotas, isso por que parte da população não tem acesso a redes de internet ilimitada e parte da que tinha acesso a internet ficou refém de rede de dados móveis limitada, ou mesmo não ter o conhecimento necessário para utilizar as plataformas digitais. Segundo o plano nacional de amostra de domicílios (PNAD) no Brasil cerca de 34,9 milhões de pessoas não tinham celular por apresentar um custo elevado, bem como dificuldade no seu manuseio e manutenção (SILVA et al., 2021).

Essa desigualdade é bem mais evidente na região norte e nordeste, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o qual apontou que 39% dos domicílios rurais da região norte não possuíam acesso a internet em casa e 77% da população urbana do Nordeste não tem acesso a rede de dados na própria residência (SOUZA; MAGNONI JÚNIOR, 2020). Por conta dessa discrepância de realidades, e concentração da renda entre a população mais rica o sistema educacional público brasileiro se debruçou sobre uma crise educacional que mostrou fraquezas que precisam ser sanadas, tendo em vista que enquanto uma parcela da população com acesso à internet realiza suas atividades e forma remota, a outra demorou mais de cinco meses até ter a primeira aula remota (SOUZA; MAGNONI JÚNIOR, 2020).

Com a desigualdade evidente e a exclusão digital que dificultou ainda mais o acesso à educação, outro problema tornou-se evidente a evasão escolar. É válido dizer

que embora o abandono escolar tenha aumentado durante o período pandêmico, a desigualdade e a exclusão digital não foram principal pivô, sendo, portanto, importante esclarecer que a dificuldade de adaptação as aulas de Educação a distância também contribuíram para que isso acontecesse. Isto deixa nítido que mesmo a tecnologia sendo um recurso que viabilize a diminuição da distancias sociais, ela não substituir o professor no processo de aprendizagem.

Diante disso, e compreendendo a necessidade de adaptar as aulas para que se tornem atrativas para os estudantes, os educadores precisaram utilizar de metodologias ativas e dinamismo ao ministrar as aulas. A adoção de recursos como podcast, plataformas digitais e aplicativos como Zoom, Canva, Kahoot, google meeting, WhatsApp, Youtube possibilitou a ministração de aulas síncronas e assíncronas (DA SILVA et al., 2021). A empregabilidade dessas tecnologias fez com que a pauta das metodologias ativas viesse a público e virá pauta importante dentro do debate da educação na pandemia e nas possibilidades de mudança nos pós pandemia (BACICH; MORAN, 2018).

É interessante dizer que apesar de tantos percalços devido aos inúmeros fatores que dificultam o desenvolvimento da educação a implementação das tecnologias educacionais assistivas agregaram para que o ano letivo não fosse perdido. Ademais proporcionou aos estudantes maior agilidade na buscar por informações, viabilizando pesquisas complexas a um único click. Neste contexto a internet demonstrou ser uma aliada no processo de difusão de conhecimento, reduzindo as fronteiras (MENEZES et al., 2021).

No que tange a aprendizagem por transmissão é importante enfatizar que o processo precisa ser efetivo e promover questionamentos das experimentações vividas. Por isso, nos últimos anos, tem-se buscado combinar metodologias ativas em contextos híbridos, promovendo a união entre as metodologias indutivas e metodologias dedutivas (BACICH; MORAN,2018). Com o advento da pandemia a modalidade de ensino hibrida passou a ser a nova realidade, a junção do ensino hibrido com as metodologias ativas abriu um leque dinâmico de atividades que podem ser fundidas como a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõem esse processo ativo. Por isso o modelo de educação hibrida hoje, tem o desafio de juntar o físico-digital, móvel e ubíquo (DA SILVA et al., 2021).

O ensino emergencial remoto apesar de ter sido uma resposta a medida de contenção contra o novo coronavirus, apresentou vantagens como maior participação

dos pais em reuniões síncronas através dos aplicativos de classroom, estreitou o diálogo entre os pais e professores que puderam conversar para traçar a melhor estratégia de aprendizado por meio do WhatsApp, principalmente entre a público infanto-juvenil que compreende as turmas iniciais até o 9º ano do ensino fundamental (DA SILVA et al., 2021).

5. MUDANÇA NO TRABALHO DO PROFESSOR- ENTRE A DOCÊNCIA E A TUTORIA

A partir da implementação do ensino remoto no Brasil, os educadores passaram a ter um papel de protagonista efetivo na atual conjuntura de aprendizado. O educador teve que fazer uso de novos recursos, e ter o seu senso crítico aguçado para elaborar um plano de trabalho que incorpore a tecnologia de aprendizagem e todos os recursos necessários para a formação dos estudantes. Contudo, um dos principais desafios encontrados pelos educadores foi justamente a falta de preparo e a capacitação prévia sobre os recursos disponíveis, é importante ressaltar que a eficácia da aprendizagem depende do acesso as ferramentas/recursos de aprendizagem, do interesse do aluno e principalmente desenvoltura do educador em repassar o conhecimento. e da capacidade do professor e do aluno, o ensino online difere muito do ensino em sala de aula (SILVA, 2021).

Considerando isto, Hodges et al., (2020) afirma o seguinte:

“que, assim como na sala de aula normal, uma boa aprendizagem usando a tecnologia requer a presença do professor, não apenas para a interação social, mas também para orientar e facilitar a aprendizagem”.

Isto não significa que o processo de aprendizagem envolve um equilíbrio entre o trabalho dirigido pelo professor, trabalho grupal e trabalho individual, juntamente com o mixe entre atividade síncronas e assíncronas (SILVA, 2021). O acesso à tecnologias possibilita ao educador se reinventar, ofertando independência na sua maneira de trabalhar, dando mais liberdade para diversificarem suas aulas sem a necessidade de aumentar ou reduzir a carga horária nem os conteúdos da grade curricular o que pode de fato refletir positivamente no desenvolvimento do ensino. Nesta perspectiva a formação docente possibilita adquirir novas experiências de ensinamento que tiveram êxito na

aplicação em sala de aula, ajudando-lhe a pensar e personalizar o ensino de acordo com as carências de seus estudantes (MENEZES et al., 2021).

O processo de tutoria promove a aproximação entre o professor e o aluno e essa cumplicidade possibilita ao professor identificar as possíveis dificuldades que o aluno precisa superar, além de trabalhar e aprimorar ainda mais as potencialidades (COSTA et al., 2021). Ao procurar uma justificativa para esse processo, podemos elucidar tal conclusão sob a ótica Vygotskiana que defende que as interações sociais são parte do processo de obtenção de conhecimento, uma vez que o saber pré-existente contribui para as discussões e debates que produziram novos conhecimentos (VYGOTSKY, 2000).

Sobre uma perspectiva Freiriana a concepção da prática de interação social é fundamentada no compartilhamento de saberes, e a interação professor-aluno exemplifica perfeitamente como é construído o aprendizado com base em experiências individuais compartilhadas para o crescimento mútuo, sendo o professor um ser multiplicador do conhecimento juntamente com o aluno (FREIRE, 2020).

É importante dizer que na pandemia da COVID-19 as tutorias EaD foram a melhor alternativa para que a educação não perdesse todo o ano letivo, e os professores tiveram que assumir o desafio de contextualizar as tutorias, produzir conteúdos dinâmicos interativos para que o aluno não ficasse desaperçoado (CAMACHO et al., 2020). A competência dos tutores pedagógicos demonstrou o quanto os professores são flexíveis e adaptáveis e a formação dos mesmos foi crucial para a viabilização do conhecimento difícil. É válido a partir de uma análise contextual refletir sobre o papel de educador/tutor que os profissionais da educação básica desenvolveram mesmo com tantos desafios.

Deste modo é fundamental analisar a aprendizagem neste período sob uma ótica cooperativista, a adaptação do plano político pedagógico, as estratégias desenvolvidas para incluir os estudantes e superar as desigualdades com o objetivo de alfabetizar ou mesmo dar continuidade no processo de ensino aprendizagem. Professores e instituições de ensino tiveram que disponibilizar ferramentas, viabilizar apoio logístico para que as aulas acontecessem, e o processo de avaliação não fosse comprometido durante a suspensão das aulas presenciais.

Menezes e Rodrigues (2020) elucidam os pontos importantes para o sucesso das tutorias EaD em tempos de COVID-19, os mesmos exploram as recomendações colocadas pelo ministério da educação e pelo conselho nacional de educação e enfatizam sobre a importância do desenvolvimento de uma tutoria dinamizada, integrativa e

colaborativa, na qual não se limite apenas as falas do tutor/professor, mas inspire o estudante a endagar, a ser proativo e questionador, para assim criar um fluxo de conhecimento horizontal não hierarquico, uma vez que o tutor é um objeto de mudança e conhecimento e o aluno um dos protagonistas no processo de aprendizagem.

A tecnologia permitiu o acesso e a flexibilidade nos horarios de aula e isso foi um fator propulsor e que garantiu uma maior interação com os alunos, mas para que isso fosse possivel, o tutor/professor precisou de capacitação sobre os recursos digitais como o manuseio das plataformas como Google Meeting®, plataforma Moodle®, Zoom® são alguns exemplos. Essas capacitações ocorreram de forma remota com professores e monitores para auxiliar quanto ao seu uso, algumas dessas capacitações ocorreram de forma ordenada pelo próprio ministério da educação, outras como projetos de extensão em conjunto com as instituições de ensino federais que disponibilizavam atualizações sobre os aportes tecnologicos (FREITAS et al., 2020).

È importante dizer que o recurso das aulas EaD passou a ser um recurso inovador e que mesmo com a volta as aulas presenciais, podem está sendo utilizado como recurso de ensino, uma vez que a pandemia embora controlada ainda apresenta determinado risco a saude, uma vez que as Cepas do vírus sofre mutação e o risco de contaminação permanece, abrindo a possibilidade do ensino hibrido (FREITAS et al., 2020; CAMACHO et al., 2020).

6. CAMINHANDO PARA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS

A pandemia do novo coronavirus evidenciou nitidamente falhas e desigualdades que muito outrora eram vistas, a dificuldade de acesso a educação básica principalmente nas cidades pequenas e em localidades que apresentam dificuldades para chegar na escola como nas regiões de rios e florestas. Nessas regiões foi desafiador a implementação de tecnologias para que as crianças não ficassem largadas ao ócio, sem qualquer atividade educativa.

È importante ressaltar que nessas localidades até o sinal de internet ou rede de telefonia são difíceis o acesso, diferente das capitais que as condições são outras, e a maioria da população tem acesso a rede de dados e celular e aqueles que não tinham receberam suportes necessarios como computador, tablet, celulares, chips com acesso a

internet. Sabendo que nem todos tem acesso a recursos tecnologicos os professores passaram a desenvolver apostilas impressas para suprir a necessidade de alunos que moravam em locais limitados e sem internet como em algumas regiões de rios, comndidades da floresta e algumas aldeias indigenas.

Por isso quando refletimos sobre a pandemia é importante ter a ciencia que nem todos os estudantes realmente tiveram acesso a educação, dados da organização das nações unidas (2020) apontam em seu relatorio que as consequencias para a educação básica não tem precedentes, e o efeito não ´recai somente sobre a alfabetização de crianças mas no ensino secundário, enfatiza que dentre as consequencias da COVID-19 a pobreza influencio diretamente no acesso de adolescentes a educação, considerando que alguns tieram que abandonar seus estudos e ajudar a familia em casa.

Partindo dessa premissa é valido ressaltar a determinação dos educadores que acreditaram e possibilitaram a criação do ensino hibrido remoto apesar da falta de recursos e da desigaulde presente entre as diferentes regiões do Brasil e outros fatores dos quais valem ser elencados: o estudo e aprendizagem de conteúdos curriculares novos e adaptados para a nova realidade, apoio limitado as aulas remotas e por vezes com poco recurso, dificuldades de concentração, alunos ansiosos, professores sob estresse em virtude do isolamento e da quantidade de tarefas que precisavam dar conta, excesso de tempo na frente do computador, falta do calor humano da própria sala de aula. Todos esses são fatores que colocaram a prova muitos educadores nos seus limites emocionais e mentais.

Portanto é essencial reconhecer que a educação no contexto pandemico provocou efeitos emocionais para todos, em diferentes niveis, desde o pais que passaram a ficar mais tempo em cassa, frustrados sem trabalho e com as incertezas por causa da economia, as crianças que se virão isoladas dos colegas e do convivio social dos amigos, os professores que passarma a ter uma rotina diferenciada e dependendo do caso com dupla jornada de trabalho.

Com o andamento da vacinação houve o planejamento das aulas presenciais, o balanceamento das atividades até o momento e a possibilidade de suspensão novamente por conta da estabilidade das variantes do coronavirus até o momento. Mas a priori a retomada das aulas presenciais começaram pelas escolas da rede particular com a capacidade reduzida, atualmente as escolas públicas ja voltaram a trabalhar normalmente, obedecendo as normas de biosegurança preconizadas, mas em alguns casos os professores em conformidade com a coordenação da escola e os pais optaram

pelo rodizio e modalidade hibrida, ou seja alguns dias ocorrem aulas presenciais e em outros a modalidade remota continua.

Por outro lado o retorno as escolas, a transição é importante uma vez que aspectos de sociabilidade humana e condições de aprendizagem de crianças e adolescentes devem ser considerados. Esses aspectos ligados à natureza psicológica, cognitiva e emocional das pessoas, constituintes do próprio desenvolvimento humano propiciado por atividades coletivas e conjuntas, face a face, pelo poder tocar, manejar objetos, utilizar olfato e gosto em situações de presença de outros, com trocas de experiências em realidades, experimentar movimentos no coletivo e na natureza, compartilhar expressões sutis, formar valores de vida com a experiência corporal, com sua força e fragilidades, entender os limites de nosso físico e os limites que formam a moral na delicadeza necessária nos contatos com os iguais e o respeito às diversidades, enfim, tudo o que constitui-se na vida em sociedade e que constituem-se em possibilidades de preenchimento das necessidades emocionais próprias ao ser humano chamam pela sociabilidade presencial, pela possibilidade de estar com, e não apenas de se pensar ou sentir.

7. CONCLUSÃO

No que tange ao letramento e alfabetização é evidente que ainda temos muito a discutir e evoluir, a alfabetização é a base do aprendizado, o pilar no qual se construirá todo o processo de desenvolvimento intelectual do indivíduo, sendo portanto necessário que as teorias sejam desenvolvidas para que a aplicabilidade metodológica do ensino seja efetiva no processo de ensino aprendizagem. Com base no que foi exposto, e interessante é muito válido que o processo de letramento e estímulo do desenvolvimento cognitivo não ocorra somente dentro do espaço escolar, mas que avance para dentro dos outros ambientes onde a criança está inserida, deste modo a família desempenha um papel fundamental para que isso ocorra, uma vez que quando mais estímulos a criança tiver mais conhecimento serão assimilados e memorizados.

Considero que um dos pontos mais importante nessa pesquisa é o conhecimento que assimilei e desenvolver inerentes as práticas metodológicas como professora do ensino fundamental, no qual, de acordo com os parâmetros e conhecimentos, repensar e aprimorar meus métodos de ensino. Buscando de acordo com a observação, análise e diagnóstico da realidade, as práticas adequadas de acordo com a necessidade comunicativa e a vivência dos alunos.

Deste modo, é possível desenvolver projeto de letramento na escola, abordando o meio no qual os alunos estão inseridos. Considerando que o processo de alfabetização e do letramento envolve a troca entre outros alunos e contato permanente com vários gêneros textuais. No que se refere ao papel do professor, cabe entendermos o papel de mediador, facilitador entre o aluno e o conhecimento, não desprezando os conhecimentos anteriores trazidos pelos mesmos, respeitando as diferentes evoluções, pois o processo de aprendizagem é diferente para cada pessoa. O professor pode ser o agente de letramento sendo capaz de mobilizar interesses partilhados pelos alunos, organizar grupos e comunidade para as ações coletivas, auxiliando na tomada de decisões, interagindo com outros professores, coordenadores, pais, mães e responsáveis, para uma transformação de seus planos de ação segundo as necessidades.

Isto ficou bastante evidente nos últimos dois anos, no período que o mundo viu a educação “estagnar” até ser novamente remoldada para lidar com a adversidade. Esse foi um período desafiador para o processo de alfabetizar e letrar as crianças, isto implicou em desenvolver métodos que aproximasse ainda mais os professores com as famílias, considerando que os pais tiveram que aplicar as tarefas e acompanhar todas as atividades educacionais do filho durante o primeiro ano da pandemia.

Em relação ao contexto atual, é um momento de reconstrução, a educação durante esses dois anos teve perdas, e mergulhou em um dos principais desafios que é a evasão escolar e o abandono das salas de aula, bem como a baixa procura por inserir a criança na escola ainda na educação infantil em decorrência dos inúmeros fatores inerentes a consequências da covid-19. Mas é fundamental que tenhamos animo para seguir em frente e aos educadores que continuem sendo fiéis aos seus valores e vocação, por que a educação básica, o processo de letramento e alfabetização é a engrenagem inicial para o conhecimento e desenvolvimento de um país.

Ademais a medida em que tentamos melhorar nossas práticas de ensino, estamos sendo agente de nossas próprias ações pedagógicas, saindo de certa forma da comodidade de práticas tradicionais, baseadas em cartilhas ou ainda presas a normas curriculares obsoletas e ultrapassadas. Sei como é desafiador e complicado, principalmente em escolas públicas. Mas repensar sobre essas ações já é grande passo para pequenas mudanças futuras.

8. REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. Posfácio – **A aquisição da escrita do português**: considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 205-232.

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti de; FARAGO, Alessandra Correa. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 1 (1): 204-218, 2014. <http://www.unifafibe.com.br>. Acesso em 06 de abril de 2020.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, Mikhail. M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979. 396 p.p.248-293

BARROSO, L. A Educação Básica no Brasil: **Revista Brasileira de Direitos Fundamentais & Justiça**, v. 13, n. 41, p. 117-155, 18 mar. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1º. e 2º. Ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC: SEF, 1997. 144 p.

CABRAL, Sabrina Alves Boldrini; RUAS, Thatiane Santos. O direito à educação em tempos de pandemia da COVID-19: acessibilidade, disponibilidade e adaptabilidade ao ensino remoto. **SAPIENS-Revista de divulgação Científica**, v. 3, n. 1, p. 148 158-148 158, 2021.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. 185 f. Tese (Livre Docência) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.

CAMACHO, A. C. L. F.; JOAQUIM, F. L. ; MENEZES, H. F. de; SANT’ ANNA, R. M. A tutoria na educação à distância em tempos de COVID-19: orientações relevantes. *Research Society and Development*, v. 9, n.5, 2020.

CARVALHO, W. J. de A. **O desenvolvimento da consciência fonológica**: da sensibilidade à consciência plena das unidades fonológicas. 2003. 330 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DA SILVA MENEZES, Alany et al. Formação do professor no ensino da Matemática em tempos de isolamento social no ensino híbrido: uma revisão sistemática. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 5, pág. e43810515162-e43810515162, 2021.

DA SILVA, Maria Fernanda Gomes et al. Canva for education como ferramenta didática no ensino superior na era da covid-19: relato de experiência. **Canva for education como ferramenta didática no ensino superior na era da covid-19: relato de experiência**, p. 1-388-416. 2021.

DECRETO MUNICIPAL nº 258 de 17 de Agosto de 2020. Dispõe sobre a atualização

das medidas temporárias para - enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus no município de Rurópolis. **Gabinete Municipal**. 07 de novembro de 2021.

FERREIRO, E. **Educação e Ciência**. Folha de S. Paulo, 3 jun. 1985, p. 14.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Tradução de D. M. Lichstein et. al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.

FREIRE Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63a ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra; 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 15. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1989.

Freitas, W. R., Dornelas, R. S., Soares, A. L., Junior, V. N., Siqueira, M. N., & Lima, D. A. Relato de experiência sobre formação de educadores em ferramentas e tecnologias digitais em tempos de pandemia. **EnPE**, v.7,n.1, 2020.

FUCK, I. T. **Alfabetização de Adultos** – relato de uma experiência construtivista. Petrópolis: Vozes, 1993.

GROSSI, E. P. **Alfabetização em classes populares: didática do nível pré-silábico**. São Paulo: SE/CENP, 1985.

GROSSI, E. P. **Didática do nível silábico**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., & Bond, A. (2020, 27 de março). The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educause Review*.

ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado** – vol. II: níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992b. p. 39-64.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho?** In: KLEIMAN, Angela B. (Org.) **A formação do Professor. Perspectivas da Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 342 p. p. 39-68.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela B. **O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função?** In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, I. (Orgs.) **O ensino e a formação do professor. Alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 248 p. p. 223-243.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005. 60 p.

KLEIMAN, Angela B. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

LEMLE, M. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1993. 72p.

MAYRINK-SABINSON, M. L. **Reflexões sobre o processo de aquisição da escrita**. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 123-159. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

MEDIDA PROVISÓRIA nº N° 934, de 1 de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, 1 abr. 2020. Recuperado em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>

MENDONÇA, Onaide Schwartz. MENDONÇA, Olympio Correa de. **Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. São Paulo. UNIVESP. 2003. p.36-57.

MORREIRA, Cláudia Martins. **Os Estágios de Aprendizagem da Escrita pela Criança: Uma Nova Leitura para um antigo tema**. In *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 359-385, maio/ago. 2009.

ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. 198 p. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

SALVADOR, A. P. V. et al., **Impactos do distanciamento social na relação pais-filhos e reflexões sobre possíveis intervenções**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Saúde, 2014.

SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

SILVA, J. V. S.; NUNES, K. DE C. S.; SOUZA, R. A.; ISOBE, R. M. R.; REZENDE, V. M. Regime especial de atividades não presenciais: a pandemia acentuando as desigualdades na educação infantil. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 10, n. 3, p. 996-1011, 1 out. 2021.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. Revista Pátio, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004a.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

TERZI, S. B. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados**. Campinas: Pontes, 1995a. 165 p.

VYGOTSKY LS. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes; 2000.